

E.A.D - O material impresso em questão

Distance Learning - printed matter in question

Nelsina Elizena Damo Comel¹

RESUMO

Este trabalho apresenta considerações a respeito da importância e características do material impresso para uso na prática mediatizada em EAD, elucidando a função do seu docente. Também, o perfil do novo leitor.

Palavras-chave: material impresso, a prática mediatizada, o Docente em EAD, o novo leitor

ABSTRACT

This essay presents considerations in relation to the importance and the characteristics of printed matter to be used in the mediatized practice in Distance Learning. It also clarifies the teacher's action and the profile of the new reader.

Key words: printed matter, practice, the Distance Learning teacher, the new reader

INTRODUÇÃO

Este trabalho se fundamenta em estudos e reflexões tecidos em torno do material impresso em EAD, como suporte teórico utilizado nas variadas tecnologias em cursos de Educação a Distância (para adultos). Centra-se em

quem vai elaborá-lo, ou seja, nos que detêm a competência para fazê-lo. A preocupação tomou mais significado, também, diante das tecnologias emergentes na medida em que se as supervalorizam, dando a ele (material impresso) uma posição de, quando muito, segundo plano frente a elas. Há

¹Doutora em Filosofia e Ciências da Educação. Professora Titular de Filosofia da Educação da UEPG/ Ponta Grossa/ PR.

também um novo leitor emergindo. Contém, ainda, as experiências vivenciadas em materiais já existentes e em participação em cursos, congressos e estudos onde se tratou deste tema.

Identificando a importância do material impresso como elemento determinante da qualidade na modalidade de educação aqui proposta, proponho uma reflexão a respeito dele e de quem vai elaborá-lo, uma vez que faz parte integrante de toda e qualquer comunicação, mais além das metodologias utilizadas. Atenderá, espera-se, às necessidades emergentes dela.

EAD - CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

Normalmente, fala-se em *educação a distância* e *ensino a distância* como se fossem expressões sinônimas. Convém que se estabeleça, *a priori*, para a compreensão do que aqui se vai apresentar, uma explicação da diferença existente entre as duas expressões.

Ela se faz, mesmo, necessária, para evitar que sejam vistos com conotações diversas e inclusive, confusões conceituais básicas.

Assim, considero fundamental definir:

1. ensino a distância - significa instrução, socialização de uma infor-

mação específica, aprendizagem técnica.

O ensino oferece a oportunidade de realizar estudos informativos em diversos âmbitos, especialmente nos técnico-administrativos e técnico-científicos. Buscam atender a interesses e necessidades de atualização, aperfeiçoamento nas diversas áreas de conhecimento e mercado de trabalho. Tem vasto espaço na indústria e nas novas tecnologias, quando se trata, por exemplo, de conhecer como montar uma máquina ou mesmo de reorientar os textos técnicos e manuais de uso de instrumentos os mais variados. Mais ainda, em algumas áreas tais como a medicina e a odontologia, especialmente na elaboração de bulas de remédios, orientações pós operatórias ou de tratamentos a serem realizados em foro doméstico.

2. educação a distância é uma “estratégia básica de formação humana, aprender a aprender, saber pensar, criar, inovar, construir conhecimento, participar, etc. (MAROTO, 1995).²

Também, é um processo cultural de construção do conhecimento e de intersubjetividades. (VENDRUSCULO POSSARI, 1999).

Maria Odete Valente³ afirma que, hoje, mais do que nunca, aprender a pensar é uma urgência de professores e alunos numa escola de qualidade.

² Citado em PRETTI, org. Educação a Distância – incícios e indícios de um percurso. UFMT, NEAD. Cuiabá. 1996. P. 24/25.

³ Semana Luso-Espanhola de Pedagogia. Inovação em educação. Universidade Aberta. Lisboa. Art. p. 169/201.

Aclarando um pouco mais a distinção que se está a fazer entre ensino a distância e educação a distância, atento para Capra (1999, p.69) quando afirma que a informação é apenas um dado abstrato baseado em generalidades, livre de contexto e de valor. Saber o que fazer com ela é, sim, um dado essencial. Martins (1998), esclarecendo, diz que

... o escritor senta-se diante da tela, se enche de informação e confunde essa voracidade com conhecimento.

Continuando com Capra (op cit p. 69), quando um computador é utilizado para a aprendizagem, o significado da 'aprendizagem' muda. "De acordo com Fiorentini (1996) "os meios devem ser compreendidos de forma dialética, a partir de suas origens, técnicas e códigos, natureza da realidade construída por eles, maneiras pelas quais as audiências os lêem e recebem, como algo em processo contínuo de movimento e mudança, de sorte a proporcionar aos alunos comportarem-se de forma ativa e crítica em relação a eles. O que não se pode é pensá-los como condutores inocentes e transparentes de significados ou como fim em si mesmos, seja na instância de comunicação social, seja na instância educacional. (MASTERMAN, 1993 apud FIORENTINI, 1966)"⁴. Essa confusão

conceitual deriva de uma mentalidade que foi saudada como revolucionária com o surgimento do computador. Foi preciso que muito estudo acontecesse para justificar os argumentos críticos, já apresentados pela cibernética, na década de 40, a respeito de que nos cérebros reais não existiam regras, que não há processador lógico central e que nele as informações não são armazenadas localmente. "A cognição humana envolve linguagem e pensamento abstrato, e, portanto, símbolos e representações mentais (idem, 1999 p 216).

Esses dados foram ofuscados em favor da visão computacional emergente, na década de 70, quando os pensadores sistêmicos identificam os fenômenos da autoregulação e autoorganização nos seres vivos. Somente na década de 90 esses conhecimentos começam a se tornar mais difundidos (CAPRA, 1999 p 69 e 77), decorrentes dos problemas que a referida mentalidade computacional está a gerar, principalmente nos jovens.⁵

Resumindo, ficou comprovado que a mente humana pensa com idéias e não com informações, uma vez que as idéias é que criam as informações (CAPRA, citando ROSZAK, T. 1999 p 69).⁶

Em relação à educação escolar - seja nos moldes tradicionais, seja na

⁴ Citado no PPP/UFPR, Curitiba, 2001, p. 55

⁵ Para um melhor estudo a respeito deste assunto, remeto a uma leitura mais detalhada de CAPRA, F. (1999) – A teia da vida. Cultrix. S. Paulo. S.P.

⁶ idem nota anterior.

EAD, enquanto prática educativa, é ela uma prática social, mediada por este social, com seus conflitos e complexidades. Logo, o educador necessita saber, saber pensar e saber como se pensa (BELTRAN 1995, p.9). Em outras palavras, para Armengo (1998), o aprender é mais importante do que o ensinar. Entendendo-se que o aprender é uma busca individual de significado e relevância, inserida numa atividade social e individual. Também, Miller (1996, p.96 citado por ARMENGO:1998:14) afirma que:

La idea de la trascendencia del conocimiento por si mismo o por su propia importancia está perdiendo parte de su atractivo dentro del proceso. En vez de eso, empezamos a comprender que el poder real se apoya en nuestra habilidad para buscar, analizar y usar críticamente la información, para hacer decisiones, resolver problemas y responder efectivamente a nuevas situaciones.

Enquanto prática mediatizada, a EAD vai recorrer à tecnologia como “um processo lógico de planejamento, com um modo de ordenar os currículos, os métodos, os procedimentos, a avaliação, os meios, na busca de tornar possível o ato educativo”.⁷

A mediação pedagógica, para Gutierrez (1994)⁸ “acontece por meio de textos e outros materiais postos a

disposição do estudante. Isso supõe que os mesmos sejam pedagogicamente diferentes dos materiais utilizados na educação de presença (professor-aluno) e, naturalmente, muito mais diferentes dos documentos científicos. A diferença passa inicialmente pelo tratamento dos conteúdos que estão a serviço do ato educativo. De outra forma: o temático será válido na medida em que contribua para desencadear um processo educativo. Não interessa uma informação em si mesma, mas uma informação mediada pedagogicamente. A educação a distância é, essencialmente, um processo comunicativo que pressupõe um alto intercâmbio de conhecimentos por meio de recursos tecnológicos. Essa modalidade depende fortemente de sistemas de informação e comunicação que sejam adequados às necessidades e concepções teórico-metodológicas do curso proposto. A natureza com que as trocas se dão propõe a necessidade de um sistema que garanta uma grande interatividade de docentes, tutores e alunos”.

Assim, a única diferença de qualidade entre a EAD e a educação presencial, segundo Neder (1999) está na transgressão dos limites impostos pela escola da modernidade (de tempo, de espaço e da figura do professor como um demiurgo).

⁷ Idem ao rodapé n.º 1. p.25.

⁸ Citado no PPP/UFPR, 2001, p.55.

CONCEITO CLÁSSICO DE MATERIAL IMPRESSO

Normalmente, o texto de material impresso, utilizado em salas de aula, se constitui de textos (muitas vezes de contexto desconhecido pelos alunos) selecionados entre autores diversos, assim como estão elaborados pelos mesmos. Para os professores, de uma maneira geral, a preparação (seleção) desse material, se faz de forma simples e direta (relacionam a qualidade do conteúdo e a oportunidade simplificada do seu uso naquela unidade do programa). As dificuldades surgentes serão, mais ou menos, supridas pela presença imediata do professor.

Entretanto, preparar esse material, na forma escrita, e que aqui se vai chamar de material impresso destinado a EAD, é um grande desafio.

As dificuldades são de várias espécies. 1. basta identificar a quantidade de material já produzido, e que tão pouco vem correspondendo às exigências básicas dos diversos níveis e classes de alunos; 2. as contradições verificadas, através das análises e interpretações confusas por parte dos alunos. Ainda é encontrada, nos dias de hoje, a confusão entre material impresso em EAD e material instrucional. Até pouco tempo, nos livros e autores que trataram o tema, encontram-se referências apenas ao seu significado tradicional. O uso das tecnologias apenas lhes são acrescentadas. E costumava-se classificar o material didático em material impresso e material audio-visual

em geral. Até então, se desconsiderava o material impresso elaborado para produzir um material audio-visual, também vídeos ou teleconferências. Como se, para produzir uma teleconferência, não se necessitasse, básica e fundamentalmente, de um texto escrito para ser reproduzido ou lido. Até parece que o fato de um texto ser lido/falado/cantado o descaracterizaria como material impresso.

No conceito clássico de material falado, também, era selecionado a partir da qualidade da reflexão do Autor do texto, e assim deveria ser entendido. O que mais importava (também para a avaliação) era compreender o pensar do Autor como principal gerador de conclusões pessoais pelo leitor.

O NOVO LEITOR

O leitor clássico conhecido era o leitor de livros. O novo leitor nasce com o advento das tecnologias.

Segundo Vandrúsculo Possari (1999), ele é o leitor apressado, das linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. O atual leitor é fragmentário, de tiras de jornais, de fatias de realidade, de signos. É o leitor movente de formas, volumes, massas, movimentos, traços, cores, luzes.

É o leitor que luta contra o tempo, quase não se detém em nada. O mundo está veloz, os fatos se modificam. É o leitor quem vai estabelecer o seu próprio roteiro, navega na internet, clicando “links” relacionado ao inte-

resse/curiosidade/necessidade do momento. Agora, o roteiro é multilinear e a leitura é polissêmica.

Também, quando se trata de produção científica, é importante que ela seja divulgada. Por outro lado, em divulgação científica, o texto deve ser, entre outras coisas, leve, claro, rico em analogias. Vieira (1999:15) acrescenta, ainda, que os conceitos e termos científicos devem ser explicados. E isso deve ser tentado sempre. Ademais, o texto está para o leitor numa relação dialógica, vinculado ao instante presente. Quanto mais atraente, mais acessível ele estará. Muito mais, quando se o aplica na área da educação. Portanto, urge democratizar (sem diminuir a qualidade) os resultados das pesquisas científicas.

Frente a esse novo leitor, como lidar com as novas possibilidades da leitura? A própria disciplina de língua portuguesa se toma pluri-disciplinar. Logo, de quantas maneiras eu posso ler/entender um texto?

Frente a esse leitor, elaborar um texto que pretenda trabalhar a educação na modalidade a distância, requer novas e outras considerações como adiante se verá.

NOVO ENTENDIMENTO DE MATERIAL IMPRESSO

Sendo a leitura um processo de reconstrução para atribuição de sentidos, o texto a ser produzido deverá levar em consideração que isso seja possível.

A bem da verdade, o material impresso (nas suas mais variadas formas) não pode ser dispensado em nenhuma das tecnologias de comunicação a distância. Veja-se, por exemplo, a videoconferência. Vale acrescentar que ela vai envolver, além do texto escrito, a fala e a expressão corporal de quem faz a conferência, tornando-se, assim, uma forma mais complexa, envolvendo outras habilidades: escrever, ler, expressão corporal, além dos recursos tecnológicos (afinal, o aluno ouvinte já não aceita a fria comunicação que use um instrumento sofisticado de tecnologia. Tanto assim é que, entre os alunos cujos cursos são pródigos em aulas via teleconferências, elas são conhecidas, entre eles, por “teledormência”). As interlocuções que perpassam entre o aluno e o texto/autor são variadas e múltiplas.

Considerando de uma maneira geral, toda comunicação em EAD envolve o texto pensado, impresso, também os trabalhos elaborados pelos alunos serão assim entendidos. A própria apresentação oral, seja em seminário, seja em debates de cunho científico, pressupõe um preparo e rigoroso estudo que requer uma organização impressa (gráfica, escrita a mão, computador, internet...).

Por mais tecnologias que se usem, e pelas outras que virão, entendo que a qualidade do material impresso vai se tomando cada vez mais importante. Poderá, sim, tomar mil formas, diagramações e criações que podem ir além da imaginação do homem de

hoje. De qualquer maneira, ele vai, para poder se comunicar, necessitar de um conteúdo (idéias claras), a forma escrita pré-pensada para ser entendida, ampliada.⁹

Quando autoras como M. Pessoa e S. Kritz, do SENAC¹⁰, afirmam que: “o material impresso estimula o uso da principal via de comunicação do ser humano (a linguagem falada e escrita) e é fisicamente palpável, podendo o aluno manuseá-lo a qualquer momento e em qualquer lugar... e, mais, “podemos quase garantir que ele (o material impresso) ocupa lugar preferencial em relação às demais tecnologias”¹¹ (o grifo é meu). E ele assim o será por muito tempo ainda.¹²

O material (impresso/texto) impresso é, ainda, a maneira mais básica/elementar de comunicação através do uso de quaisquer tecnologias, das mais simples às mais sofisticadas.

Para elaborar um material impres-

so para a EAD, vale considerar alguns fatores:¹³

1. identificar o perfil do novo leitor, aquele para quem o texto será especialmente construído. Para atender a este perfil e corresponder a ele, se necessitar-se de:

1.1– conhecer as concepções de EAD;

1.2 – conhecer como a aprendizagem acontece (teorias da aprendizagem);

1.3 – conhecer o Projeto Político Pedagógico da Instituição que propõe o curso/disciplina;

1.4 – permear o discurso com os pressupostos teórico-metodológicos do Projeto (1.3);

1.5 – selecionar algumas teorias de linguagem como formas de comunicação dialógica;¹⁴

1.6 – saber identificar algumas concepções de leitura.

2. Com este referencial teórico, vai-

⁹ Uma proposta que considero bastante eficiente é aquela que propõe, além de falar muito neste tema, realizar algumas oficinas, com grupos pequenos de professores, para uma atividade prática de construção de pequenos textos, aproveitando os colegas para interagir e realizar uma avaliação crítica entre todos, tendo cada um, como referencial, seus alunos conhecidos. Ou até mesmo um grupo de amigos ou grupo de trabalho.

¹⁰ Texto apresentado pelas AA, em forma de Apostila, no Seminário Internacional de EAD, na UFMG, em Belo Horizonte, na oficina: Material impresso.

¹¹ Apostila de Produção de material impresso – texto apresentado na oficina de Material Impresso na UFMG, no Seminário Internacional de EAD. Setembro. 1999.

¹² (salvo se descubra uma forma de comunicação que dispense os meios atuais, tal como a telepatia, v.g. A, assim mesmo, que ela se torne de uso comum. Mais ainda, restará a necessidade de se fazer o registro da comunicação. E como ele será feito sem a recordação/registo escrito?)

¹³ Cada um dos itens merecem ser mais detalhados. Em vista do espaço reduzido desta apresentação é que eles se apresentam como estão.

¹⁴ Possivelmente, uma das grandes dificuldades esteja no treino de uma linguagem relacional, quando o texto vai ser adaptado ao perfil do aluno e ao objetivo do curso. O aluno, o novo aluno, conhecedor das tecnologias nos meios de comunicação, realizará uma comunicação dialógica (aluno-texto) mais rica e mais interessante do que se o texto fosse apresentado no estilo livresco clássico.

se organizar o material impresso, tendo sempre presentes as seguintes questões:

2.1 para quem este texto está destinado (qual é o provável aluno: qual o seu perfil?)¹⁵

2.2 o que eu quero dizer com este texto;

2.3 quais os efeitos dos sentidos possíveis deste texto?

3. Qualquer material impresso não tem um fim em si mesmo, mas é, também, um dos elementos indispensáveis para uma prática educativa entendida como parte do todo. Assim, o material impresso deverá estar sempre ligado a:

3.1 um plano político pedagógico;

3.2 compreensão de um currículo;

3.3 compreensão de um processo de comunicação (o que caracteriza um programa educativo é que ele tem um processo a percorrer, um fio condutor que tem um princípio e uma chegada).

Daí decorre que só o professor-docente, não um técnico, poderá produzir um material impresso de qualidade em EAD.

O PERFIL DO DOCENTE EM EAD

Do que já foi apresentado a respeito do material impresso, se pode deduzir que características deverão possuir os docentes que quiserem traba-

lhar em EAD. Entretanto, entendo, também, que vale especificar algumas delas, para fins de discussão e debate a seu respeito.

De antemão, destaco que não se está à procura de gênios nem pessoas superdotadas. Não encontrei, inclusive, nenhum autor que assim se pronunciasse. Todos eles, de uma maneira geral, esperam encontrar pessoas normais, mas, sim, entusiastas e cheias de paixão e criatividade pela nova modalidade.

Por hora, os principais problemas a resolver em EAD se podem identificar como sendo a falta de contiguidade física entre docentes e discentes e a individualização da aprendizagem.

Para enfrentar estas questões em aberto, Armento (1998, p.18) está a oferecer um perfil de docente, em que ele tenha:

1. um conhecimento profundo, atualizado e teórico-prático de sua disciplina, incluindo pesquisas relevantes;

2. domínio de Princípios, Teorias e Metodologias da EAD;

3. manejo efetivo das novas Tecnologias Informativas e Telemáticas e de sua utilização funcional, tanto no processo de aprendizagem como na aplicação à sua disciplina;

4. clareza a respeito dos fins educativos a que o curso se destina e capacidade para formulação de estratégias originais instrucionais.

¹⁵ Questão muito poucas vezes levantada pelos professores em geral, mais além dos parâmetros clássicos repassados pelos que elaboram os currículos de gabinete.

Em outras palavras, necessita-se:

1. identificar o Projeto Político Pedagógico da Instituição para quem se trabalha;

2. nunca perder de vista o perfil, pelo menos aproximado, do aluno/alunos, seu universo sócio-cultural;

3. conhecer as modernas teorias da aprendizagem;

4. conhecer as modernas teorias da linguagem;

5. ter acesso direto a um computador e à internet e estar familiarizado com seu uso;

6. treinar exercícios de reversibilidade;¹⁶

7. deixar muito claro em sua proposta, se o material está sendo destinado ao ensino ou à educação a distância;

8. voltar-se constantemente para a cultura geral, sua competência profissional e atualizada com o que acontece ao seu redor e no mundo.

Também os autores de textos de divulgação científica estão optando por uma linguagem/comunicação, onde o importante é o leitor. Não se propõe a superficialidade e nem o reducionismo, e sim, a busca de linguagem coloquial, e, no caso, usar e abusar das analogias como forma de compreensão de um texto científico, propondo mais/novos caminhos à compreensão do leitor.

CONCLUSÕES

Sinto-me à vontade para afirmar que, hoje, um dos “calcanhares de Aquiles” da EAD está na formação de docentes integrados na modalidade de EAD e sua identidade, para que a elaboração do material impresso, no sentido de sua alta qualidade e de sua adequada aplicabilidade, seja através das mais variadas tecnologias e das concepções de aprendizagem, seja nos diversos e diferentes níveis de sujeitos (leitores) a quem ela se destina.

É necessário cautela com as fantasias a respeito dos milagres das tecnologias, já muito bem estudadas por Aparici, R. em “Mitos de la Educación a Distancia y de las nuevas tecnologías”, apresentadas, também, aqui no Brasil em muitos Congressos e Seminários em EAD.

Convido a todos para adotarem um estado de alerta frente às ofertas de muitas empresas que vendem tecnologias com propostas mágicas, como se elas, por si, contivessem a eficácia e a eficiência do processo de aprendizagem, ou como se todos tivessem acesso fácil a elas. A melhora qualitativa do material impresso em EAD não vai depender, prioritariamente, delas. Continua valendo, em primeiro plano, a competência do profissional que o elabora. Entretanto, o uso de todas as tecnologias (desde o material impresso simplificado, o giz,

¹⁶ Tema muito bem apresentado por Lima, L. de O. e muitos outros, a partir da década de 70.

o quadro negro, etc., que também estão na categoria de tecnologias), quando se apresentam como viáveis e oportunas, estão em nível de instrumentos – meios para atingir os objetivos propostos e não um fim. Com bom material impresso (entendendo-se aqui, mais especificamente o texto impresso, como suporte das tecnologias) pode-se fazer EAD de qualidade, utilizando-se de tecnologias básicas, sejam as mais sofisticadas, amparadas por uma Equipe Pedagógica, formada por professores qualificados e por tutores de escol, sejam as tradicionais ou ordinárias.

O bom material impresso estará sempre dirigido ao aluno/a que vai aprender a pensar. Ainda são as idéias que movem o mundo e permitem que o novo aconteça em forma de qualidade de vida humana (MATURANA e VARELA:1980. Citado em Capra: 1999).

A se considerar a realidade do vasto interior do Brasil, diversificada e pobre, assim como a de muitos outros países, a EAD poderá ser uma proposta que chegará a todos. Não se pode aceitar, entretanto, que ela seja, ainda uma vez, mais um fator de exclusão; pior ainda, uma forma de ideologização ou mero engodo para justificar propósitos políticos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, K.M. Projeto Pedagógico em EAD. **Material Impresso para o - NEAD - UFPR** - Curitiba: UPPR/NEAD,1999.

ARMENGO, M.C . Docencia y nuevas formas de aprendizaje en Universidades a Distancia en Iberoamérica - **Revista Iberoame-ricana de Educación a Distancia, Madrid**, v. 1, n. 2,p.11-24, dec. 1998.

BELTRÁN, J. M. M . **Aprendo a pensar**. Madrid: Bruño, 1995.

BLOOM, H. Leio, logo existo. **Revista VEJA**, São Paulo, v.34, n.1685,p.11-15, jan.2001.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1999.

LEITE, C.V. Manual de divulgação científica. 2. ed. **Ciência hoje**, Rio de Janeiro, 1999

LIMA, L. de O . **Treinamento em Dinâmica de grupo**. 2. ed. rev. e au. Petrópolis: Vozes, 1970.

MARTINEZ, J.M. LEBEER, J., GARBO, R. ¿ **Es modificable la inteligencia?**. Madrid: Bruño, 1997.

MARTINS, O . B. **Educação Superior a Distância e a democratização do saber**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MUÑIZ, B. M. **Educación en valores**. Madrid: Bruño, 1994

NEDER, C. M..L. **Fundamentos de Educação a Distância**. Cuiabá: UFMT, 1999. Material Impresso para Curso de Especialização em Educação a Distância.

_____. **Tópicos Especiais em EAD**. Curitiba, 1999. Material impresso para o NEAD - UFPR.

PRETI, O . (org). **Educação a distância - inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: UFMT, 1996.

Semana Luso-Espanhola de Pedagogia - **Inovação em Educação** . Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

SENGE, P. **A Quinta disciplina**. São Paulo: Best Seller, 1998.

SÁ, R.A. de (Org.) **Projeto Político-pedagógico**: curso de pedagogia. Curitiba: UFPR/NEAD, 2001. 73 p.

VENDRUSCULO POSSARI, L. H. **Comunicação e informação em EAD. UFPR**. Curitiba: UFPR, 1999.

VIEIRA, C. L. Manual de Divulgação Científica. 2. ed. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, 1999. 48 p.

GALLINO DE PENSA, M.; ROSSA DE RIAÑO, M.B. **Educación a Distancia: guia del Autor**. Buenos Aires: [s.n.], 1995. Apostilla.

PESSOA, M.; KRITZ, S. Produção de material didático impresso. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, NA OFICINA DE MATERIAL IMPRESSO. Belo Horizonte: SENAC, 1999. Apostila.

MARTINS, W. Entrevista . **O Estado de S. Paulo**,. 30.05.98. Caderno D 1ª Página.